

## DAS POLÍTICAS PÚBLICAS E PROGRAMAS AO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eloiza Milka Cardoso Dias <sup>1</sup>  
Vanderlei Francisco de Lima <sup>2</sup>  
Deyse Negreiros de Oliveira <sup>3</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, objetivamos analisar criticamente a relação entre as práticas gestoras e políticas públicas desenvolvidas para atender os alunos da EJA, tendo como base uma pesquisa de caráter bibliográfico e qualitativo. A presente pesquisa justifica-se pela necessidade de compreendermos as práticas pedagógicas direcionadas a essa modalidade de ensino, a qual é tão importante e essencial para as pessoas que não tiveram a oportunidade de concluir a educação básica de forma regular. Utilizamos como abordagem metodológica a pesquisa através de embasamento teórico, onde analisamos e interpretamos as falas dos autores, buscando compreender a realidade do público alvo da EJA, que por diversos motivos precisam interromper seus estudos e ingressar nessa modalidade para concluí-los, normalmente fora da faixa etária determinada. Desta forma, tomamos como embasamento teórico, os pensamentos de Delmonico (2018), Borges (2009), Pais (2006), Oliveira (2012), entre outros autores os quais discutem a temática abordada. Assim sendo, podemos assegurar a importância do ensino de Jovens e Adultos na atualidade, já que enquanto educadores devemos propiciar a aprendizagem a qualquer cidadão que dela queira usufruir, buscando facilitar o seu acesso as aulas e incentivá-los a continuarem e concluírem a educação básica, para assim terem uma vida com mais possibilidades de melhorias.

**Palavras-chave:** Educação de jovens e adultos, Práticas gestoras, Políticas públicas, Aprendizagem, Educação básica.

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Pós-graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (ISEP), [elocardoso.07@gmail.com](mailto:elocardoso.07@gmail.com)

<sup>2</sup> Graduado pelo Curso de Letras Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) – RN; também graduado pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (IBRAPES/UVA) – RN; Pós-graduado em Atendimento Educacional Especializado em Atendimento Educacional Especializado (AEE) pela Universidade Federal do Semi-Árido (UFERSA), [Vanderlei.6@hotmail.com](mailto:Vanderlei.6@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN); Pós-graduada em Educação, Pobreza e Desigualdades Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), [deyse.negreiros5@gmail.com](mailto:deyse.negreiros5@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

Além de ser uma modalidade de ensino, nas últimas décadas a educação de jovens e adultos (EJA) vem se configurando como uma oportunidade para o público que não teve acesso ao estudo adquirir as competências e habilidades básicas para a vida em sociedade. Visto que, o número de crianças e jovens que estão deixando a escola ultimamente, é alarmante. E é com base nesta afirmação, que este trabalho tem como objetivos principais investigar o que vem sendo feito para mudar esse quadro, quais políticas estão sendo lançadas, a importância do papel do professor para manter a permanência desse aluno na escola e qual o perfil do aluno da EJA.

Atualmente, inúmeros fatores contribuem para o abandono escolar tanto em escolas públicas de ensino regular, como em escolas de modalidade EJA. Entre estes fatores podemos citar os sociais, pessoais e financeiros. Fatores esses que, acabam privando jovens, adultos e até idosos do direito a educação, que é indispensável na vida humana principalmente na formação do caráter de cada cidadão que compõe esta sociedade.

Diante do atual contexto, é de extrema importância o educador mudar os olhares e observações relacionando as conexões sociais com a realidade do educando, sempre buscando compreender as singularidades de cada um. Partindo de tal pressuposto, surge então a necessidade do professor enxergar o mundo por estes jovens, pois pesquisas apontam que grande parte dos alunos da EJA, são oriundos de famílias pobres e que os pais não frequentaram a escola e não valorizavam o estudo. Assim sendo, se torna mais difícil esse jovem e esse adulto encarar a escola como algo sério e importante, pois em muitos dos casos, pais e parentes em geral fazem comentários desanimadores.

Paulo Freire fala da importância de se estabelecer o diálogo durante as aulas como uma forma dos educandos conseguirem estabelecer relações entre si, além de ajudá-los a se encontrar no ambiente que lhe é novo, sempre trazendo situações que façam parte do contexto que o aluno está inserido. É preciso considerar que o público da EJA, geralmente são pessoas que frequentam as aulas sem nenhum estímulo, a grande maioria são jovens e adultos que passam o dia inteiro trabalhando, e chegam na aula cansados e sem ânimo para estudar. Então é importante que o professor use de meios que chame a atenção dos alunos, explorando conteúdos que façam parte da cultura e das

experiências deles, mas ao mesmo tempo explorando conteúdos que os façam se libertar através da alfabetização como diz Paulo Freire.

Afinal, o aluno precisa por em mente que ele é capaz de mudar seu modo de pensar, seus costumes, que ainda tem a chance de se realizar profissionalmente. E Sendo assim, a escola tem que se adequar ao perfil do seu público alvo na perspectiva de atender aos anseios dos que a frequentam. Todavia, nota-se cada vez mais a necessidade de tentar manter o aluno da EJA na escola numa perspectiva de que sua permanência na escola renderá melhorias para si mesmo.

Nota-se que apesar de todas as dificuldades que muitos deles enfrentam para poder frequentar as aulas, alguns em sua minoria estão lá aptos e determinados para aprender, fazer novas descobertas, adquirir novos conhecimentos, pois o fato de não ser alfabetizado, causa uma desvalorização do próprio aluno, uma sensação de inferioridade, principalmente quando estão diante de um determinado grupo de pessoas que possuem um maior poder aquisitivo ou mesmo de sujeitos que tenham um nível de escolaridade mais alto que o dele. Muitos sentem vergonha de se dirigir a um local, pois se acham inferiores pela razão de não saber ler e escrever. Um exemplo claro, é quando precisam assinar seu nome em algum documento.

Todavia, a prática da leitura e escrita é um bem que se faz cada vez mais necessário na atualidade. Ao sair na rua, por exemplo, você se depara com placas de sinalização, cartazes anunciando algo, e que às vezes estão informando uma notícia importante para si mesmo. Nota-se aí, que o próprio dia-a-dia trata de cobrar do analfabeto, pequenas atividades que precisam ele fazer uso da leitura. Então é daí que surge o desejo de frequentar a escola mesmo consciente das dificuldades que irá enfrentar, pois a sociedade vigente exige isso do cidadão, essa busca pelo saber, pelo domínio de práticas e atividades que necessitam dele ser alfabetizado. Nesse momento surge em alguns alunos, o arrependimento de não ter estudado, especialmente naqueles que abandonaram a escola simplesmente por falta de interesse, por achar que os conteúdos trabalhados no ambiente escolar não lhes eram importantes e não os fariam falta com o decorrer do tempo.

É notório então, que o jovem e adulto da EJA necessita de um apoio bastante significativo por parte da escola e de todos que estão ao seu redor, pois existe um emaranhado de questões que favorecem para que ele abandone e não retorne mais ao ambiente escolar, fazendo dele um sujeito incapaz de ser identificado na sociedade

como um cidadão ativo, que também é digno de direitos e pode atuar no meio em que vive, contribuindo com ações que possam render benefícios para todos, e fazendo o mesmo se sentir útil e enxergar a escola como um lugar construtivo que tem como intuito, educar e formar seres humanos capazes de fazer parte de uma cultura letrada e que busquem o seu aperfeiçoamento nas diversas mazelas inseridas na atualidade.

## REFERENCIAL TEÓRICO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) não é uma modalidade de ensino nova no Brasil, pois teve início no período colonial. Nessa época, fazia-se presente a educação dos jesuítas, que tinham por finalidade catequizar os índios para exercerem a mão de obra e, também, instruí-los segundo as doutrinas da Igreja Católica, mas, para que isso fosse possível, antes eles tinham que alfabetizá-los.

O real interesse dos colonizadores para que não só os índios como também os homens do campo fossem alfabetizados era o trabalho que esses podiam vir a praticar para atender aos interesses do Estado e da Corte. Porém, não houve quase avanço, pois, em meados do século XVIII, os jesuítas foram expulsos, dificultando a continuação do que tivera sido iniciado. Por essa razão, o curso de humanidades foi substituído pelas aulas régias, sendo a primeira forma do sistema de ensino público no Brasil.

A Educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino marcada por várias lutas e transformações, visto que, ao longo do tempo, programas foram criados, foram surgindo políticas públicas educacionais com o intuito de melhorar a qualidade do ensino e conseqüentemente a aprendizagem dos alunos.

No período final do ESTADO NOVO de 1937 a 1945, a EJA começou a ser alvo de debates entre os políticos e perceberam que o estado necessitava implantar medidas para tentar erradicar o analfabetismo. Dentre os programas desenvolvidos na EJA, está o MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos), que teve como autor e precursor o educador Paulo Freire. Esse movimento tinha por finalidade acabar com o analfabetismo na EJA, garantindo aos jovens e aos adultos a escolaridade básica para que esses não fossem vítimas do preconceito existente como analfabeto. O professor buscava, portanto, trabalhar com conceitos que os próprios alunos constroem e adquirem no dia a

dia, além de usar acontecimentos do cotidiano de cada um como uma ferramenta a mais para alfabetizá-los.

O MOVA surgiu no ano de 1989, no Estado de São Paulo, período em que Paulo Freire atuava como gestor na secretaria de educação, porém, só foi implantado no dia 28 de novembro de 2001 e as atividades tiveram início no ano de 2002. O MOVA ganhou espaço em outros estados e municípios, expandindo-se em vários núcleos. As salas eram montadas em locais que ficassem mais próximos das residências dos alunos, normalmente em igrejas, instituições de ensino. Freire tinha uma grande preocupação em poupar o aluno, e mesmo que necessitasse de arcar com gastos financeiros, era a prefeitura custeava todos os valores.

Baseado no MOVA, surgiu o projeto MOVA-BRASIL, que foi elaborado em conjunto com a Petrobras, Federação Única dos Petroleiros (FUP) e Instituto Paulo Freire (IPF). O intuito do projeto era desenvolver, nos alunos, a capacidade de fazer a leitura de mundo tão citada por Paulo Freire, que vai muito além de decodificar letras e números, além de despertar os sujeitos para a vida, serem pessoas conscientes dos seus direitos sociais, a cidadania plena, construir sua identidade e sua história de vida através das práticas libertadoras, assim como também o referido projeto foi uma relevante política pública no tocante à diminuição dos índices de analfabetismo.

Criado pela Lei número 5.379, de 15 de dezembro de 1967, surgiu o MOBREAL, (Movimento Brasileiro de Alfabetização), que tinha como foco a erradicação do analfabetismo no Brasil. Porém, estava limitado apenas ao uso da leitura e da escrita. O método aplicado pelo programa não via a necessidade do aluno se formar enquanto cidadão, visto que o programa foi elaborado pelo regime militar em meados dos anos de 1964 a 1985, já que o intuito maior era atender seus interesses próprios. O MOBREAL teve início no ano de 1971, embora tenha se expandido em todo o país, não conseguiu acabar com o analfabetismo, tendo sido extinto em 1985 e substituído pela Fundação Educar.

Para Sauner (2002, p. 59):

Uma das causas do fracasso do MOBREAL no seu trabalho de alfabetização do jovem e do adulto brasileiros está relacionada aos recursos humanos: o despreparo dos monitores a quem era entregue a tarefa de alfabetizar. Tratava-se de pessoas não capacitadas para o trabalho em educação, que recebiam um “cursinho” de treinamento de como aplicar o material didático fornecido pelo MOBREAL e ensinavam apenas a mecânica da escrita e da leitura, portanto, não alfabetizaram.

De acordo com as ideias do autor na citação supracitada, compreende-se que o ato de alfabetizar não era considerado algo de suma importância, já que pessoas sem formação adequada estavam aptas a lecionar no MOBREAL. Nesse sentido, a alfabetização, seja ela de jovens e adultos ou não, exige um preparo por parte do profissional no caso, o professor, pois somente a formação docente o capacita para atuar nas práticas pedagógicas vigentes.

Em 1949, a UNESCO realizou, na Dinamarca, a primeira Conferência Internacional sobre Educação de Adultos (CONFINTEA), que teve como objetivo reduzir a taxa de pobreza e de analfabetismo das pessoas consideradas adultas. Este evento foi um marco importante dentre as políticas desenvolvidas na EJA, visto que foi desenvolvido a nível mundial e composto por muitos países da América Latina, inclusive o Brasil. Ao longo das discussões em relação ao analfabetismo de jovens e adultos, foram surgindo questionamentos e debates sobre ações que poderiam ser desenvolvidas pelo estado para erradicar o analfabetismo.

No que diz respeito às práticas pedagógicas na EJA, é possível observar que, há muito tempo, vem sendo discutido sobre as práticas utilizadas pelo professor da EJA em suas aulas, visto que o alunado desta modalidade de ensino necessita de metodologias que sejam significativas para ele, com temáticas ou discussões que apresentem aspectos relevantes para sua aprendizagem e, também, para o seu crescimento profissional, no intuito de possibilitar e de favorecer a eliminação das grandes e complexas desigualdades sociais que permeiam a sociedade brasileira. Sobre esse assunto, Augustinho *et al.* (2009, p. 2) preconizam que:

Historicamente a prática pedagógica de sala de aula tem sido marcada por um ensino que primou pela passividade do aluno e por um campo teórico pouco aplicável. Pensar que essas atitudes representam uma continuidade no modelo de educação atual a qual - exclui o aluno da classe popular - é coerente com uma forma tradicional de ver o processo educativo. Dessa maneira, o aluno da classe popular não se sente pertencente e representado na escola, pois a mesma está distante da sua realidade, não lhe dá voz, nem atende aos seus anseios.

A partir da fala dos autores, fica claro que ao professor precisa adotar métodos de ensino na EJA que atenda às necessidades básicas do aluno, tendo em vista que o ambiente ao qual ele frequenta (a escola) deve lhe proporcionar saberes, inclusão, conhecimentos que contribuam para sua formação enquanto ser humano e social, fazendo com que haja uma mudança positiva na vida do educando.

A educação de jovens e adultos não é uma modalidade de ensino recente, pois, desde o período colonial, iniciaram-se estratégias para ensinar os analfabetos a fazerem uso da leitura e escrita, mesmo que a finalidade dos jesuítas não fosse alfabetizá-los visando melhorias na vida destas pessoas. Porém, é notório que, mesmo em face às constantes dificuldades e às lutas, a EJA teve grandes avanços no cenário da educação pública no Brasil.

Um dos avanços foi conseguir se consolidar como uma modalidade de ensino no período pós LDBN 9394/1996, passando a ser assegurado por lei os direitos do aluno. Outro ponto chave a ser ressaltado foi a aprovação da Constituição Federal de 1988, que contempla a EJA como um direito de forma gratuita a todos aqueles que não concluíram a educação básica na idade regular.

No que diz respeito à importância da formação de professores para atuar na EJA, Oliveira (2012, p. 005574) afirma que:

Com base nos projetos formativos privilegiados no cenário educacional brasileiro, a conclusão que se pode chegar é a de que a formação de professores, durante décadas, consistia em dotar lhes de competências e habilidades instrumentais, fortalecendo a ideia de professores como técnicos, inclusive uma formação voltada para os moldes do ensino fundamental.

Sendo assim, é pertinente ressaltar que não basta ter somente escolas com boas estruturas físicas. Além disso, faz-se necessária a elaboração de políticas e de programas constantemente. Convém frisar, portanto, a importância da formação de professores, assim como a formação continuada, na perspectiva do docente está qualificado e apto a propiciar estratégias de ensino que atendam as necessidades ou anseios dos discentes.

A equipe gestora, a coordenação e os professores da escola precisam usar de alteridade para compreender o jovem e adulto que frequenta a EJA. Inicialmente pode parecer um desafio lidar com este público, já que o perfil dos educandos é totalmente o inverso do das crianças. São pessoas que já chegam à escola com uma mentalidade formada, conceitos construídos, comportamentos distintos.

É dever dos professores procurar inserir em seu planejamento meios em que o aluno consiga se adaptar à sala de aula, sempre propondo atividades que valorizem a bagagem que o aluno já trás consigo. Diante disso, é de suma importância que o docente esteja aberto à “[...] escuta e a valorização do saber que é eminentemente, uma forma de aprendizagem democrática. Trazer estes saberes para sala de aula é a possibilidade de

uma educação mais plural, heterogênea e complexa” (BORGES, 2009, p. 142). Logo, para que isso seja possível,

É preciso que as organizações que ofertam este segmento de educação orientem seus docentes para levarem em consideração a realidade do alunado, suas características e condições de vida e de trabalho durante o processo de ensino e aprendizagem, além de manter um planejamento didático pautado na rotina das atividades sociais (pessoais e profissionais) garantir, ou ao menos contribuir para a permanência dos mesmos na continuidade dos estudos, reduzindo, por sua vez, a evasão escolar deste segmento (DELMONICO, 2018, p. 02).

Os jovens e os adultos que buscam a EJA estão nesse modo de estar no mundo. Viver significa, para eles, ter o que comer, ter um salário, ter uns trocados. Quando até essas bases do viver são incertas, a incerteza invade seu viver, Arroyo (2008, p.4). Como se os jovens fizessem da sua vida um céu onde exercitassem a sua capacidade de pássaros migratórios (PAIS, 2006, p. 6).

Um novo pensar sobre a educação de jovens e adultos traz para o âmbito escolar questões relativas ao processo histórico do aluno. Existem muitos motivos que levam esses adultos a estudar, como, exigências econômicas, tecnológicas e competitividade do mercado de trabalho. Vale destacar que outras motivações levam os jovens e adultos para a escola, por exemplo, “a satisfação pessoal, a conquista de um direito, a sensação da capacidade e dignidade que traz autoestima e a sensação de vencer as barreiras da exclusão” (STRELHOW, 2010, p. 49).

## **METODOLOGIA**

Este trabalho foi construído levando-se em consideração a pesquisa de cunho bibliográfico e qualitativa (OLIVEIRA, 2007), uma vez que nossa intenção maior foi analisar e investigar as políticas e programas voltados para a EJA, o papel do professor no processo de aprendizagem e permanência dos educandos na escola e qual o perfil desse público atendido. Logo, nossas discussões ou reflexões, ao longo desta pesquisa, estão apoiadas nas contribuições dos seguintes autores: Strelhow (2010), Sauner (2002), Pais (2006), Oliveira (2012), Delmonico (2018), Borges (2009), entre outros.

Considerando os objetivos elencados neste trabalho, a nossa pesquisa é descritiva e explicativa, uma vez que os resultados e discussões foram interpretados, ou seja,

explicados à luz dos teóricos que se dedicam aos estudos sobre a Educação de Jovens e Adultos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo desta pesquisa bibliográfica, vimos que a EJA é uma importante modalidade de ensino. Nessa modalidade, cabe ao docente adotar suas metodologias e conteúdos didáticos de maneira menos condensada e com mais dinamismo por meio de exemplos que estejam condicionados às vivências dos estudantes. Logo, uma das possibilidades para um ensino promissor são as “palavras geradoras”. Nessa perspectiva,

[...] o alfabetizando ou a alfabetizanda é estimulado(a) a articular sílabas, formando palavras, extraídas da sua realidade, do seu cotidiano e das suas vivências. Nesse sentido, vai além das normas metodológicas e lingüísticas, na medida em que propõe aos homens e mulheres alfabetizando que se apropriem da escrita e da palavra para se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo. O método Paulo Freire estimula a alfabetização/educação dos adultos mediante a discussão de suas experiências de vida entre si, os participantes da mesma experiência, através de tema/palavras gerador(as) da realidade dos alunos, que é decodificada para a aquisição da palavra escrita e da compreensão do mundo [...]. (O MÉTODO PAULO FREIRE – FAZER PEDAGOGIA, [s/d], [s/p]).

O professor da EJA deve mostrar para o aluno que a escola abre novos caminhos, novas oportunidades, novos meios de conquistar seus ideais, novas estratégias de obter sucesso profissional. Embora que os professores da EJA mencionem ser um tanto difícil conscientizá-los da importância de aprender a ler e a escrever, sendo que eles alegam ser fatigoso conseguir-se manter-se presente nas aulas por motivos de cansaço do trabalho, muitas das mulheres já são mães e além de cuidar da criança ainda tem que dá conta dos trabalhos domésticos que muitas vezes ainda precisa trabalhar fora para ajudar na renda mensal da família.

Muitos são os fatores condicionantes que levam os alunos a estarem nesta modalidade de ensino, tais como: trabalho precoce, um desequilíbrio financeiro e emocional na estrutura familiar, e ainda a marginalidade e uso de drogas, que estão relacionadas estritamente com jovens que são afastados da escola prematuramente. Nesta ótica de discussão, concordamos com quando diz que:

[...] para contribuir, de fato, com os jovens e adultos que estudam no segmento da Educação de Jovens e Adultos, e atendendo o que rege a LDB e a própria Constituição Federal do Brasil de 1988 é preciso que as instituições e professores repensem suas práticas pedagógicas frente este alunado e assegurem, realmente, as condições 15 apropriadas de atendimento escolar a estes alunos, levando em consideração seus interesses, suas características, suas condições de vida e de trabalho, podendo desta forma contribuir com a redução da evasão escolar neste segmento (DELMONICO, 2018, p. 14-15).

Em suma, o jovem e o adulto da EJA necessitam de um apoio bastante diferenciado por parte da escola e de todos que estão ao seu redor, pois existe um emaranhado de questões que favorecem para que ele abandone e não retorne mais ao ambiente escolar, fazendo dele um sujeito incapaz de ser identificado na sociedade como um cidadão ativo, que também é digno de direitos e pode atuar no meio em que vive, contribuindo com ações que possam render benefícios para todos, e fazendo o mesmo se sentir útil e enxergar a escola como um lugar construtivo que tem como intuito, educar e formar seres humanos capazes de fazer parte de uma cultura letrada e que busquem o seu aperfeiçoamento nas diversas mazelas inseridas na atualidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a modalidade EJA é um direito assegurado por lei, a todos os sujeitos que não concluíram a educação básica na idade convencional, que buscam fazer parte de uma cultura letrada e ainda sonham com sua inserção no mercado de trabalho e se realizar profissionalmente. Pois são amparados pela legislação, de serem inseridos nesta modalidade de ensino com direito a ações pedagógicas por parte da escola, que melhor se adequem com a disponibilidade do aluno.

Portanto, a escola, ao ofertar a modalidade EJA, tem a missão de resgatar jovens e adultos inserindo-os novamente na vida escolar, ensinando não somente a alfabetização em si, mas como analisar criticamente as coisas, como avaliar e observar os conteúdos didáticos e científicos, como compreender o que leem e escrevem, discernindo em seus próprios erros, a cada passo evolutivo intelectual que adquirem.

## REFERÊNCIAS

ARROYO, M.G. os coletivos diversos repolitizam a formação. In: DINIZ – PEREIRA, J. E.; LEÃO, G. (org). **Quando a diversidade interroga a formação docente**. Belo

Horizonte: Autêntica, 2008.

AUGUSTINHO, E.; VIANA, S. S.; RÔÇAS, G. **Mapeando Concepções e Práticas Pedagógicas no Ensino de Ciência: Educação de Jovens e Adultos em Escolas da Baixada Fluminense.** VII Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências – VII Enpec. Instituto Federal do Rio de Janeiro.

BORGES, L. P. C. **Reflexões Necessárias Sobre a Educação de Jovens e Adultos: Perspectivas, Desafios e Possibilidades.** Espaço do Currículo, v.2, n.1, pp.137-155. 2009.

DELMONICO, Fábio. **Os desafios para a educação de jovens e adultos na contemporaneidade.** Disponível em <https://fapb.edu.br/wp-content/uploads/sites/13/2018/02/ed7/2.pdf>. Acesso em 29 set. 2021.

FAZER PEDAGOGIA. **O método Paulo Freire.** Disponível em <https://fazerpedagogia2.webnode.com.br/pensadores/2/>. Acesso em 29 set. 2021.

OLIVEIRA, R. N. M. **Formação de Professores da EJA na Contemporaneidade: Exigências, Desafios e Proposições** - In: Junqueira & Marin - Livro 2. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas. p. 005574 – 005576. 2012.

OLIVEIRA, M. M. de. **Como fazer pesquisa qualitativa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PAIS, J. M. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M. I. M. de, EUGENIO, F. (orgs.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 4. 2006.

SAUNER, Nelita F.M. **Alfabetização de Adultos.** Curitiba: 1. ed. Juruá, 2002.

STRELHOW, T. B. **Breve História Sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Revista HISTEDBR On-line- ISSN: 1676-2584. Campinas, n.38, p. 49-59, jun. 2010.